



Humane Farm Animal Care
Referencial de Bem-Estar Animal
1 de Janeiro de 2014

BISONTES

BÚFALO BISONTE

HUMANE FARM ANIMAL CARE

A *Humane Farm Animal Care* é uma organização sem fins lucrativos que tem como missão melhorar a vida dos animais de produção, estabelecendo padrões viáveis e confiáveis adequadamente monitorados para a produção humanitária de alimentos, e garantindo aos consumidores que produtos certificados atendem a esses padrões.

A *Humane Farm Animal Care* é apoiada por diversas organizações, indivíduos e fundações dedicadas à proteção dos animais, como a *American Society for the Prevention of Cruelty to Animals* e a *Humane Society* dos Estados Unidos.

Os referenciais da *Humane Farm Animal Care* foram desenvolvidos como os únicos padrões aprovados para criação, manejo, transporte e abate de bisontes para serem usados no programa *Certified Humane*[®]. Esses padrões incorporam pesquisa científica, recomendações de veterinários, e experiências práticas dos produtores. Os padrões foram originalmente baseados nas diretrizes do *Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals* (RSPCA), e refletem informações científicas atuais e outros padrões e diretrizes práticas reconhecidas para o cuidado apropriado dos animais.

O bem-estar animal é melhorado quando os gerentes de produção aderem aos seguintes itens:

- Acesso à alimentação balanceada e nutritiva
- Projeto ambiental adequado
- Gerenciamento e planejamento cuidadoso e responsável
- Cuidado animal consciente, com habilidades e conhecimento
- Manejo, transporte e abate com habilidade

Somos muito gratos ao RSPCA por permitirem o uso dos seus padrões e formatos como base para desenvolver os referenciais de bem-estar animal da *Humane Farm Animal Care*.

COMITÊ CIENTÍFICO DA HUMANE FARM ANIMAL CARE

Zootecnistas, veterinários, e produtores líderes no setor colaboram com a *Humane Farm Animal Care* na elaboração dos referenciais de bem-estar animal para uma produção animal humanitária e colaboram com a *Humane Farm Animal Care* para revisões constantes dos padrões, contribuindo com novas informações pertinentes para melhorar a vida dos animais de produção.

<i>Kenneth E. Anderson, PhD</i>	North Carolina State University, USA
<i>Michael Appleby, PhD</i>	World Animal Protection, USA
<i>Richard Blatchford, PhD</i>	University of California, Davis, USA
<i>Elisabetta Canali, PhD</i>	Università degli Studi, Milan, Italy
<i>Sylvie Cloutier, PhD</i>	Associate Director of Assessment, Canadian Council on Animal Care, Ottawa, Canada
<i>Brenda Coe, PhD</i>	Pennsylvania State University, USA
<i>Hans Coetzee, PhD</i>	Iowa State University, USA
<i>Luiz Dematte, DVM, PhD</i>	Industrial Director of Korin Ltd, and General Coordinator of Mokiti Okada Foundation, Brazil
<i>Inma Estéves, PhD</i>	Research Professor, Neiker-Tecnalia University, Spain
<i>Anne Fanatico, PhD</i>	Appalachian State University, USA
<i>Valentina Ferrante, PhD</i>	University of Milan, Italy
<i>Trent Gilbery, MS</i>	North Dakota State University, USA
<i>Alan Goldberg, PhD</i>	The Johns Hopkins University, USA
<i>Temple Grandin, PhD</i>	Colorado State University, USA
<i>Thomas G. Hartsock, PhD</i>	University of Maryland, USA
<i>Jörg Hartung, DVM</i>	Institute of Animal Hygiene, Welfare and Farm Animal Behavior University of Veterinary Medicine, Hanover, Germany
<i>Brittany Howell, PhD</i>	Fort Hays State University, USA
<i>Pam Hullinger, DVM, MPVM</i>	University of California Lawrence Livermore National Laboratory, USA
<i>Joy Mench, PhD</i>	University of California, Davis, USA
<i>Suzanne Millman, PhD</i>	Iowa State University College of Veterinary Medicine, USA

<i>Malcolm Mitchell, PhD</i>	SRUC, Scotland's Rural College, Scotland
<i>Priya Motupalli, PhD</i>	IKEA Food Global Sustainable Sourcing Specialist, Sweden
<i>Ruth Newberry, PhD</i>	Associate Professor, Norwegian University of Life Sciences; Adjunct Professor, Washington State University, USA
<i>Abdullah Ozen, PhD</i>	Professor, Firat University, Elazig, Turkey
<i>Edmond Pajor, PhD</i>	University of Calgary, Alberta, Canada
<i>Jose Peralta, PhD, DVM</i>	Western University of Health Science, College of Veterinary Medicine, Pomona California, USA
<i>Rosangela Poletto, DVM, PhD</i>	Professor, Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Brazil
<i>Martin Potter, PhD</i>	Animal Welfare Consultant, Member of FAWT, UK and Advising Member of EIG, UK
<i>Mohan Raj, PhD</i>	Honorary Visiting Fellow, School of Veterinary Sciences, Bristol University, Bristol, UK
<i>Jean-Loup Rault, PhD</i>	Institute of Animal Husbandry and Animal Welfare at Vetmeduni, Vienna, Austria
<i>Karen Scwean-Lardner, PhD</i>	University of Saskatchewan, Canada
<i>J.K. Shearer, PhD</i>	Iowa State University, USA
<i>Marilyn M. Simunich, DVM</i>	Director, Animal Health Laboratory, Division of Animal Industries, Idaho State Dept. of Agriculture, USA
<i>Carolyn Stull, PhD</i>	Chairman, Scientific Committee University of California, Davis, USA
<i>Janice Swanson, PhD</i>	Michigan State University, USA
<i>William VanDresser, DVM</i>	Retired Extension Veterinarian, USA
<i>Andreia de Paula Vieira, DVM, PhD</i>	Animal Welfare Scientist, Universidade de São Paulo, Brazil
<i>Daniel M. Weary, PhD</i>	Professor and NSERC Industrial Research Chair, Animal Welfare Program, University of British Columbia, Canada
<i>Julia Wrathall, PhD</i>	Director, Farm Animals Division, RSPCA, West Sussex, UK
<i>Adroaldo Zanella, PhD</i>	Professor, Dept. Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Animal / FMVZ Universidade de São Paulo, Pirassununga/SP, Brazil

ÍNDICE

PARTE 1: INTRODUÇÃO.....	1
A. O selo <i>Certified Humane</i> [®]	1
B. Guia para o uso do Referencial de Bem-Estar Animal	1
PARTE 2: ALIMENTO E ÁGUA	2
A. Alimento	2
FW 1: Alimentos saudáveis e nutritivos	2
FW 2: Acesso livre ao alimento.....	2
FW 3: Registros da alimentação	2
FW 4: Substâncias proibidas na alimentação.....	2
FW 5: Condição corporal.....	2
FW 6: Evitando alterações no alimento	4
FW 7: Suprimento de fibras	4
FW 8: Disponibilidade de alimentos.....	4
FW 9: Fornecimento de nutrientes adequados.....	4
FW 10: Limpeza dos equipamentos de alimentação.....	4
FW 11: Minimizando a contaminação da água por alimentos.....	5
FW 12: Evitando alimentos inadequados	5
B. Alimentos: Provisões específicas para bezerros	5
FW 13: Exigências da dieta dos bezerros	5
FW 14: Colostro.....	5
FW 15: Bezerros órfãos	6
C. Água.....	6
FW 16: Fornecimento de água.....	6
FW 17: Água para bisontes em curral.....	6
FW 18: Equipamentos de fornecimento de água	6
FW 19: Água para bisontes no pasto ou campo.....	7
FW 20: Fornecimento emergencial de água	7
PARTE 3: AMBIENTE	8
A. Geral.....	8
E 1. Ambiente para os Bisontes	8
E 2: Manutenção e projeto das instalações	8
E 3: Manutenção dos corredores.....	8
E 4: Limite do uso de substâncias tóxicas nas instalações.....	8
E 5: Instalações elétricas	8
E 6: Projeto das passagens	9
B. Ambiente térmico e Ventilação.....	9
E 7: Condições do campo	9
E 8: Currais ou baias	9
C. Quebra-vento – Sombreamento	9
E 10: Termorregulação	9
E 11: Quebra-ventos	10
E 12: Sombra e resfresco	10
E 13: Áreas desnudadas	10
D. Áreas/Espaços disponíveis.....	10

E 14: Área de repouso.....	10
E 15: Pisos compactos	10
E 16: Baias de alimentação/confinamento.....	11
E 17: Disponibilidade de espaço.....	11
E 18: Áreas especiais de permanência.....	11
E 19: Liberdade de movimento.....	11
E. Ambiente do Parto.....	12
E 20: Monitoramento	12
F. Instalações de Manejo	12
E 21: Corredores	12
E 22: Manutenção do equipamento de contenção.....	12
E 23: Equipamentos com laterais sólidas.....	13
E 24: Instalações para embarque.....	13
G. Provisões Específicas para Bezerros.....	13
E 25: Instalações para bezerros.....	13
H. Cercas.....	13
E 26: Projeto e manutenção de cercas.....	13
PARTE 4: GERENCIAMENTO	14
A. Managers.....	14
M 1: Planejamento na Fazenda	14
M 2: Conhecimento sobre os Padrões.....	14
M 3: Atividades de gerenciamento e de registros	14
M 4: Atenuando problemas.....	15
M 5: Conhecimento das implicações das práticas de gerenciamento no bem-estar e o ambiente natural.....	15
M 6: Treinamento	15
M 7: Tratamento compassivo.....	15
M 8: Reclamações aos produtores	16
B. Manejo	16
M 9: Manejo com tranquilidade.....	16
M 10: Antecipando fatores estressores para os animais	16
M 11: Manejo em corredores	17
M 12: Manejo racional.....	17
M 13: Equipamentos	17
M 14: Ajuda no parto.....	17
M 15: Diagnóstico e tratamento rápido	17
M 16: Animais incapazes de caminhar	17
C. Identificação.....	18
M 17: Equipamento de identificação	18
M 18: Marcação	18
M 19: Marcação temporária.....	18
D. Equipamentos.....	18
M 20: Uso dos equipamentos.....	18
M 21: Equipamentos automáticos.....	18
E. Cães e predadores naturais	19
M 22: Cães pastores	19

M 23: Gerenciando predadores	19
PARTE 5: SAÚDE.....	20
A. Práticas de Cuidado com a Saúde	20
H 1: Planejamento sanitário dos animais	20
H 2: Atenuando problemas de saúde	20
H 3: Monitoramento da saúde.....	20
H 4: Currais de segregação	21
H 5: Manejo de animais de origens externas	21
H 6: Atenuando problemas de comportamento	21
H 7: Controle de parasitas.....	22
H 8: Cuidado com os cascos	22
H 9: Alterações físicas	22
Castração e Descorna são Proibidos	22
B. Incidentes com Animais.....	23
H 11: Eutanásia	23
H 12: Descarte da carcaça.....	23
PARTE 6: TRANSPORTE	23
T 1: Instalações para embarque.....	23
T 2: Projeto das passagens	24
T 3: Funcionários responsáveis pelo transporte.....	24
T 4: Manejo nos corredores	24
T 5: Manejo racional.....	24
T 7: Tempo de transporte.....	25
T 8: Registros do transporte.....	25
T 9: Casualidades durante o transporte	25
PARTE 7: ABATE.....	26
A: Procedimentos de abate	26
S 1: Minimizando o manejo pré-abate	26
S 2: Funcionários treinados.....	26
S.3: Sistemas de abate.....	26
PARTE 8: ANEXOS.....	27
Anexo 1: Avaliação de Condição Corporal de Bisontes	28
Anexo 2: Controle da dor	29
REFERÊNCIAS	31

PARTE 1: INTRODUÇÃO

A. O selo *Certified Humane*[®]

O programa *Certified Humane*[®] foi desenvolvido para certificar produtos de animais oriundos de propriedades que aderem a esses padrões. Após completar a aplicação e inspeção satisfatoriamente, os produtores serão certificados e poderão usar o selo *Certified Humane Raised and Handled*[®]. Os participantes do programa são inspecionados e monitorados anualmente pelo *Humane Farm Animal Care*. As taxas coletadas visam cobrir os custos de inspeções e do programa, os quais incluem material informativo que ajuda a promover os produtos dos produtores que são *Certified Humane*[®].

B. Guia para o uso do Referencial de Bem-Estar Animal

- Os objetivos principais do padrão são descritos no início de cada seção.
- As exigências numeradas são todos os padrões que devem ser atendidos.
- Esses padrões são descritos para incluir propriedades em distintas regiões geográficas, com temperaturas variadas e em propriedades que utilizam sistemas alternativos. Portanto, nem todos os padrões das seções irão ser aplicáveis a todas as instalações.
- As seções nas caixas de texto fornecem informações adicionais ou destacam áreas nas quais os padrões serão revisados no futuro.
- Os produtores também devem atender a todas as recomendações locais, estaduais ou federais relativas à produção de bisontes de corte que afetem o meio ambiente ou a segurança do seu produto, bem como às Leis de Práticas Veterinárias do seu estado.

PARTE 2: ALIMENTO E ÁGUA

OBJETIVOS: *Os animais devem ter acesso à água fresca e a uma dieta formulada ou avaliada para manter a saúde plena e promover um estado positivo de bem-estar. A alimentação e a água devem ser distribuídas de forma que os animais possam comer e beber sem competição desnecessária.*

A. Alimento

FW 1: Alimentos saudáveis e nutritivos

Os bisontes devem ser alimentados ou permitidos se alimentar de uma dieta saudável que seja:

1. Adequada à idade e a fase de gestação;
2. Fornecida em quantidade suficiente para mantê-los saudáveis; e
3. Formulada ou avaliada para satisfazer as suas necessidades nutricionais conforme estabelecidas pelo Manual de Produção de Bisontes (*The Bison Producers' Handbook*).

FW 2: Acesso livre ao alimento

Os bisontes devem ter acesso livre a alimentos nutritivos todos os dias, exceto quando for determinado de outra maneira pelo veterinário responsável.

FW 3: Registros da alimentação

- a. Exceto criação a base de pastagem, os produtores devem manter registros por escritos e/ou os rótulos da ração, com os componentes e suas concentrações, assim como os registros dos suplementos alimentares, incluindo os registros do moinho ou do fornecedor; e
- b. Devem estar disponíveis ao inspetor do *Humane Farm Animal Care* durante a inspeção e em outras ocasiões, quando solicitados.

FW 4: Substâncias proibidas na alimentação

- a. Nenhum alimento que contenha proteína derivada de mamíferos é permitido, exceto leite e produtos derivados do leite.
- b. Os bisontes não devem ser implantados com nenhum promotor de crescimento.
- c. Os bisontes não devem ser alimentados com antibióticos para deliberadamente promover o crescimento ou a eficiência alimentar.
- d. Antibióticos apenas podem ser administrados individualmente a um animal por razões terapêuticas (tratamento de doenças) e somente com a orientação de um veterinário.
- e. Beta-agonistas como a ractopamina e o zilpaterol são proibidos na alimentação.
- f. Subprodutos de origem animal são proibidos.

FW 5: Condição corporal

- a. O bisonte deve ser alimentado para que mantenha plena saúde e capacidade de reprodução normal durante toda a sua vida produtiva.

- b. Alterações nas condições corporais dos bisontes devem ser cuidadosamente planejadas e mantidas de acordo com o estágio da produção.
- c. O escore de condição corporal (ECC) de 3 (escala de 1 a 5) é considerado o melhor para a manutenção da produtividade e da saúde. Um ECC de 2 ou inferior exige ação corretiva imediata.
- d. O seguinte guia de “Escore de Condição Corporal para Bisontes” pode ser usado para classificar o bisonte.

<u>Escore</u>	<u>Aparência</u>	<u>Condição</u>
1	Muito magro	Muitas costelas visíveis, espinha bastante distinta, ossos das ancas proeminentes e distintos, músculos da traseira profundos, depressões profundas em ambas as laterais da inserção da cauda, topo do lombo distinto e estreito com laterais planas quando observado pela frente.
2	Moderadamente magro	Algumas costelas visíveis, espinha evidente porém não distinta, os ossos das ancas prontamente visíveis e cantos distintos, músculos da traseira levemente profundos, depressões em ambas as laterais da inserção da cauda, lombo estreito mas não distinto com laterais planas quando observado pela frente.
3	Moderado	As costelas podem ser visíveis no verão, mas os cantos são arredondados e cobertos por músculo, espinha pode ser vista, mas não é proeminente, ossos das ancas visíveis mas não distintos, músculos da traseira são planos e com ângulos, leve depressão em ambas as laterais da inserção da cauda, lombo bem desenvolvido mas não saliente.
4	Moderadamente gordo	As costelas podem ser vistas, mas os cantos são arredondados e cobertos por músculo, espinha não é prontamente visível, ossos das ancas levemente visíveis, músculos da traseira estão cheios, mas não salientes, leve depressão em ambas as laterais da inserção da cauda em touros e nenhuma depressão em vacas, lombo bem cheio quando observado pela frente, mas não saliente.
5	Muito gordo	As costelas não são visíveis, a espinha não é visível e está inserida em gordura, ossos das ancas não são discerníveis, traseira é arredondada e cheia, nenhuma depressão entorno das laterais da inserção da cauda em touros e saliência de gordura em vacas, lombo grosso com topo arredondado quando observado pela frente.

- e. Uma versão expandida do Guia de Condição Corporal de Bisontes pode ser encontrada no Anexo 1.

- f. O escore de condição corporal deve ser monitorado regularmente com atenção especial no desmame, 30 dias depois do desmame, 90 dias antes do parto, no parto e no início da estação reprodutiva.

As vacas bisontes geralmente perdem 10% do seu peso durante o inverno climas mais frios e irão parir com sucesso os seus bezerros na primavera. Em climas quentes, o verão pode ser a estação de perda de peso.

FW 6: Evitando alterações no alimento

Devem ser feitos esforços para evitar alterações repentinas no tipo e na quantidade dos alimentos, a menos que essas alterações sejam efetuadas com a orientação de um veterinário.

FW 7: Suprimento de fibras

- a. Os bisontes adultos e os bezerros com mais de 30 dias devem receber alimentos ou forragem que contenham fibras suficientes para permitir a ruminação.
- b. A fibra deve ser de qualidade e tamanho para prevenir acidose ruminal.

FW 8: Disponibilidade de alimentos

1. Os bisontes devem ter quantidades de forragem ou alimentos disponíveis continuamente para evitar a competição por alimento.
2. Se os bisontes são alimentados em cochos ou comedouros, estes devem prover um mínimo de 61 cm de espaço linear por animal adulto, e o espaço em auto alimentadores deve ser adequado para evitar competição.

FW 9: Fornecimento de nutrientes adequados

- a. Os bisontes não devem ser mantidos em um ambiente onde provavelmente terão predisposição à deficiência nutricional.
- b. Os gerentes devem ter conhecimento das deficiências e excessos de minerais na fazenda e corrigirem os níveis quando for apropriado.
- c. Os produtores devem ter por escrito e revisar anualmente um planejamento de pastejo e alimentação complementar. O planejamento deve descrever as taxas de lotação e rotação de pastagem ou campo disponível para pastejo, conforme o número e categoria de bisontes no rebanho. Um mapa demonstrando o tamanho e localização dos piquetes ou pastagens deve ser incluído. O planejamento deve estar disponível para revisão pelo auditor HFAC.

As diretrizes do National Research Council podem ser usadas para determinar a composição nutricional dos alimentos. O Manual do USDA Natural Resources Conservation Service Range and Pasture ou o seu escritório local do NRCS pode ajudar com o conteúdo nutricional das forragens e solos locais usados para pastejo dos bisontes.

FW 10: Limpeza dos equipamentos de alimentação

- a. Comedouros ou cochos devem ser mantidos limpos e monitorados para evitar o acúmulo de alimentos mofados ou envelhecidos.

- b. Os equipamentos automáticos de alimentação devem ser limpos de forma regular e mantidos em boas condições de operação

FW 11: Minimizando a contaminação da água por alimentos

Os equipamentos para fornecimento de alimentos e de água devem ser projetados, construídos, posicionados e conservados para que a contaminação dos alimentos e da água dos animais seja minimizada.

FW 12: Evitando alimentos inadequados

Práticas de controle devem ser adotadas para minimizar

- a. O acesso dos animais a plantas venenosas e a alimentos inadequados; e
- b. A contaminação dos alimentos armazenados por aves ou organismos nocivos.

B. Alimentos: Provisões específicas para bezerros

FW 13: Exigências da dieta dos bezerros

- a. Os bezerros devem ser alimentados com uma dieta saudável, apropriada para a sua idade, peso, necessidades comportamentais e fisiológicas.
- b. Os bezerros não devem ser desmamados antes dos 6 meses de idade

Um método de desmame com baixo estresse, conforme descrito no Manual do Produtor de Bisontes (The Bison Producers' Handbook), é recomendado se os bezerros não são deixados naturalmente com as suas unidades familiares ou rebanho.

- c. Bezerros desmamados devem ter acesso a área de pastejo ou serem providos de uma dieta com feno (à vontade - ad libitum).
- d. Antibióticos não podem ser usados, exceto terapeuticamente, e de acordo com a orientação de um veterinário.

FW 14: Colostro

Todos os bezerros recém-nascidos devem receber o colostro adequado da sua mãe, de outra vaca que deu cria recentemente ou de uma fonte de colostro congelado ou em pó, assim que possível após o nascimento, definitivamente dentro das primeiras 8 horas de vida.

O colostro deve ser recebido dentro das primeiras oito horas de vida para cada bezerro e este deve ser permitido a mamar na vaca durante as primeiras 24 horas após o nascimento. Quando não é possível mamar na vaca, colostro em quantidade suficiente que deve ser fornecido manualmente. Aproximadamente 6 litros de colostro sendo administrados via sonda gástrica, mamadeira ou balde nas primeiras 24 horas (1,5 litros em cada uma das 4 mamadas). Nas 48 horas seguintes, os bezerros impossibilitados de mamar devem receber aproximadamente 6 litros de colostro ou leite integral de vaca fornecido em pelo menos duas refeições.

FW 15: Bezerros órfãos

- a. Orfanar bezerros intencionalmente é proibido.
- b. Todos os bezerros órfãos ou aqueles impossibilitados de mamar devem receber alimentação líquida duas vezes ao dia nas primeiras 5 semanas de vida até que estejam consumindo quantidade suficiente de alimento sólido adequando.
- c. Sucedâneos de leite de cabra ou ovelha podem ser usados (conforme o *Manual do Produtor de Bisontes*) e devem ser misturados conforme instrução do fabricante.
- d. Bezerros órfãos devem ter acesso a ração inicial apropriada para bezerros bisontes e feno ou forragem natural a partir dos 8 dias de vida.
- e. Se os bezerros são alimentados no balde, cada bezerro deve ter acesso individual.
- f. Bezerros órfãos não devem ser desmamados (cessar leite ou sucedâneo) antes dos 6 meses de vida a menos que seja orientado de outra forma por um veterinário. O desmame nutricional deve ser realizado gradualmente através da diluição do leite em água ou reduzindo o volume de leite fornecido durante um período de pelo menos 5 dias.

C. Água

FW 16: Fornecimento de água

Todos os bisontes, inclusive os bezerros com mais de 8 dias de vida, devem ter acesso a uma fonte adequada de água fresca de beber, exceto quando orientado de outra forma pelo veterinário responsável.

FW 17: Água para bisontes em curral

Quando os bisontes são mantidos em currais, estes devem ter acesso contínuo à água, exceto quando for orientado diferentemente pelo veterinário responsável.

*Geralmente, um bisonte requer o seguinte volume de água de beber:
4 litros para cada 50 kg de peso vivo por dia.*

FW 18: Equipamentos de fornecimento de água

- a. Os bebedouros devem ser mantidos limpos.
- b. Quando sistemas automáticos são usados, eles devem ser verificados pelo menos diariamente para garantir o fornecimento de água caso não haja outra fonte de água a vontade disponível.
- c. Os bebedouros não devem molhar ou encharcar continuamente as áreas de descanso.

O tipo de terreno e condições climáticas determinará onde os recursos de água devem ser alocados. Durante o inverno, os bebedouros devem ser mantidos limpos e sem gelo e acessíveis em todos os momentos. Os bisontes devem ser inspecionados regularmente para avaliar o acesso à água e devem-se fazer ajustes se necessários.

Quando possível, os bebedouros e corredores devem estar afastados da base de inclinações ou encostas. Isso permitirá uma melhor drenagem e prevenirá a formação de áreas com lama profunda.

FW 19: Água para bisontes no pasto ou campo

- a. Um suprimento de água limpa e fresca deve estar sempre disponível.
- b. A possível contaminação de rios, lagoas ou córregos pelas fezes dos bisontes deve ser levada em conta quando planejando o suprimento para os animais.
- c. As leis locais, estaduais e federais devem ser seguidas no que diz respeito ao acesso dos bisontes a recursos hídricos correntes ou parados.

FW 20: Fornecimento emergencial de água

Providências devem ser adotadas para garantir um fornecimento emergencial de água de beber caso as fontes de abastecimento normais falhem (por exemplo, por causa de congelamento ou seca).

PARTE 3: AMBIENTE

OBJETIVO: *O ambiente no qual os bisontes são mantidos deve ser considerado de acordo com as suas necessidades de bem-estar e deve ser projetado para protegê-los de desconforto físico e térmico extremo, medo e diestresse, e deve permitir que os bisontes realizem os seus comportamentos naturais. Os bisontes têm uma habilidade natural de adaptar a variações em temperatura e condições climáticas.*

A. Geral

E 1. Ambiente para os Bisontes

Os bisontes devem ser criados com acesso contínuo a um ambiente externo.

E 2: Manutenção e projeto das instalações

- a. Não deve haver nenhuma característica física no ambiente, tanto interno quanto externo, que possa causar ferimentos recorrentes nos animais os quais possam ser prevenidos. Ferimentos são definidos como lesões severas o suficiente para a formação de tecido granular e até um ponto maior do que se fosse causado por batidas ou arranhões acidentais.
- b. Superfícies construídas por onde os animais caminham devem ser de material antiderrapante ou ser mantidas de forma a reduzir o risco de escorregões e não deve causar danos ao casco.

A ocorrência em excesso das seguintes situações pode ser indicador de problemas no ambiente.

Calos, inchaços ou ferimentos no joelho e canela

Calos no pescoço

Caudas quebradas

Tecido de cicatrização crônico

Abscesso

Perda de pelo

Hematomas

Manqueira decorrente de laminite, infecção interdigital, solas lesionadas, cascos moles

E 3: Manutenção dos corredores

As passagens, as entradas e os corredores das instalações devem ser conservados para evitar danos aos cascos dos animais.

E 4: Limite do uso de substâncias tóxicas nas instalações

Os animais não devem ter contato com fumaças tóxicas ou químicos de qualquer fonte – natural ou artificial.

E 5: Instalações elétricas

Todas as instalações elétricas devem ser:

1. Inacessíveis aos animais;

2. Bem isoladas;
3. Protegidas contra roedores;
4. Aterradas adequadamente; e
5. Testadas regularmente.

E 6: Projeto das passagens

- a. As passagens tais como portões ou corredores, devem ser construídas de acordo com projeto e ter largura suficiente para permitir que dois bisontes adultos passem livremente (exceto em bretes ou corredores de serviço).
- b. Os bretes e corredores de serviço devem ser projetados em curva para prevenir que os animais parem e para permitir que se movam tranquilamente pelo corredor em fila.

Recursos na Sessão de Referência desses Padrões inclui uma descrição de materiais e projetos para instalações de manejo para bisontes.

B. Ambiente térmico e Ventilação

E 7: Condições do campo

Bisontes são criados normalmente em condições de pastagens ou campos, em ambiente natural. Os bisontes devem ter acesso a características que permitam o alívio de calor ou frio extremo durante variações térmicas severas. Recursos naturais como valas, banhados, árvores, pedras grandes ou aflorações no solo servem este propósito.

E 8: Currais ou baias

Currais ou baias devem ter saída para o ambiente natural e ter superfícies antiderrapantes naturais ou construídas.

E 9: Clima extremo

Animais exibindo comportamentos de estresse em condições climáticas extremas devem ser providos de um ambiente alternativo, e serem dados oportunidade de ajustar os seus comportamentos para aliviar o estresse.

C. Quebra-vento – Sombreamento

E 10: Termorregulação

- a. Todos os ranchos e as instalações usadas pelos bisontes devem prover a oportunidade de termorregulação no caso de temperaturas extremas e condições climáticas.
- b. Os bisontes devem ter espaço adequado para realizar ajustes no seu comportamento importantes para a termorregulação e deve ter acesso às instalações, abrigos ou barreiras naturais.

E 11: Quebra-ventos

Quebra-ventos naturais podem consistir de cinturões de árvores, cercas, ou estruturas construídas as quais são estrategicamente localizadas para bloquear os ventos predominantes. Características geográficas naturais como coxilhas ou cânions podem ser usadas nas condições de pastagem ou campo.

E 12: Sombra e resfresco

Para condições de verão quente e úmido, um sistema natural de água deve estar acessível aos bisontes para que eles possam se refrescar.

Os bisontes podem não procurar sombra mesmo em clima quente e ensolarado devido à cobertura natural do pelo que fornece sombra e ventilação.

E 13: Áreas desnudadas

- a. Áreas desnudadas de campo ou pastagem devem atender aos Padrões da Agência de Proteção Ambiental local para controle de poeira.
- b. Durante os períodos prolongados de umidade, a lama deve ser manejada para que sua profundidade não seja excessiva ou suficiente para causar aos bisontes dificuldade de caminhar de e para as áreas de alimentação e água.

D. Áreas/Espaços disponíveis

E 14: Área de repouso

Os bisontes devem ter acesso permanente a uma área de descanso que seja:

1. Bem drenada ou conservada seca; e
2. Com tamanho suficiente para acomodar todos os animais deitados juntos, na postura normal de repouso.

E 15: Pisos compactos

- a. As baias devem ser planejadas e construídas com material que seja apropriado para bisontes e impermeável à água e urina.
- b. As superfícies devem ser antiderrapantes com ranhuras ou canaletas, mas não devem ser abrasivas ao casco dos animais. Ranhuras em losango são preferidas, com distância de 10 cm e profundidade de 1,3 cm são preferíveis.
- c. Os currais com superfície compacta usada para repouso ou recuperação de doenças devem ter material de cama com capacidade de absorver umidade ou superfície de borracha.
- d. Sistemas de manejo do esterco devem ser considerados quando projetando alojamentos com piso compacto, e instalado a menos que o acúmulo de esterco possa ser evitado por outros métodos.
- e. Os pisos compactos aceitáveis incluem concreto inacabado ou com ranhuras, ou piso de borracha.

E 16: Baias de alimentação/confinamento

- a. Os bisontes em crescimento devem ser agrupados de acordo com o peso e a idade, considerando a estrutura social dos animais.
- b. Os bisontes podem ser mantidos em confinamento por até 90 dias antes do abate.
- c. Os confinamentos abertos devem ser inclinados para proporcionar drenagem adequada na direção oposta às áreas de repouso/permanência, bebedouro e comedouro e da cerca.
- d. Todas as regulamentações ambientais locais, estaduais e federais devem ser seguidas.
- e. O espaço e o declive das baias devem mudar em função de climas mais secos ou úmidos, das estações do ano e dos tipos de solo. Os confinamentos devem ser construídos de forma que proporcionem espaço, ambiente social e físico e conforto adequados aos bisontes, de acordo com as exigências da região geográfica na qual se localizam.

E 17: Disponibilidade de espaço

- a. As baias de alimentação para os bisontes devem permitir um mínimo de 37 m² por animal e devem ser limitadas a 100 animais por baía.
A disponibilidade do espaço para os bisontes alojados em baias deve ser calculada em relação ao ambiente como um todo, à idade, ao sexo, ao peso vivo e às necessidades comportamentais dos animais e considerando-se também a existência de chifres e o tamanho do grupo.
- b. Todos os animais devem ter acesso adequado à água, ao alimento e a uma área de repouso.
- c. Espaço de comedouro para alimentação na linha da cerca em baias de confinamentos deve ser pelo menos 61 cm por animal. Espaço em comedouros deve ser adequando para evitar competição de forma que todos os animais mantenham a condição corporal. Um espaço menor pode ser fornecido a animais mais jovens e bezerras alojados em baias para cuidado veterinário.
- d. Os bisontes devem ser providos de condições nas quais eles permaneçam razoavelmente limpos, por exemplo, evitando superlotação.

E 18: Áreas especiais de permanência

Os bisontes não devem ser confinados ou aprisionados, exceto nas circunstâncias a seguir, e mesmo assim, apenas por no máximo 2 horas:

1. Durante qualquer exame, teste de rotina, coleta de sangue, tratamento veterinário;
2. Com a finalidade de marcá-lo, lavá-lo ou pesá-lo; ou
3. Enquanto aguarda o embarque para o transporte.

E 19: Liberdade de movimento

Exceto conforme descrito acima (E 18), todos os bisontes devem permanentemente ter:

1. Liberdade suficiente para movimentos corporais que lhes permitam se lamber (*autogrooming*) sem dificuldade;
2. Espaço suficiente para deitar-se e esticar livremente os seus membros; e
3. Espaço suficiente para levantar e se virar.
4. Os animais não devem ser mantidos amarrados.

E. Ambiente do Parto

E 20: Monitoramento

- a. Espaço apropriado e distância do rebanho e pessoas devem ser providos para evitar perturbar as vacas a parir.
- b. Os produtores devem manter registros de monitoramento do rebanho durante a estação de parto com atenção a problemas de parto a fim de evitar sofrimento nos casos de dificuldade de parir. As condições climáticas devem ser levadas em consideração na determinação da frequência do monitoramento durante a estação de parto, com uma maior frequência durante condições climáticas aversivas.

Os bisontes têm muito pouca dificuldade de parto. O excesso de intervenção humana pode criar estresse desnecessário para as mães.

F. Instalações de Manejo

E 21: Corredores

- a. Os corredores e portões devem ser projetados e operados para que não impeçam o movimento do gado.
- b. Quando portões e ferrolhos forem usados, todo o esforço deve ser empreendido para reduzir o ruído excessivo, o que pode causar aflição aos animais.
- c. Considerações devem ser dadas para a instalação de dispositivos de redução de ruídos conforme necessário.
- d. As paredes, corredores e portões devem ser construídos de material sólido e projetados para minimizar o estresse sobre os animais e fornecer segurança aos manejadores.
- e. As paredes dos corredores e portões devem ter um mínimo de 1,52 m de altura com laterais solidas para evitar que os animais tentem escapar pelos espaços.

E 22: Manutenção do equipamento de contenção

- a. Os bretes de contenção hidráulicos ou manuais devem ser ajustados ao tamanho dos bisontes.
- b. A limpeza e a manutenção regular de todas as partes operacionais são obrigatórias para o funcionamento apropriado do sistema e para a segurança dos animais e dos manejadores.
- c. Os sistemas hidráulicos de contenção devem ter as suas válvulas de liberação de pressão ajustadas para evitar que pressão excessiva seja aplicada ao gado durante a contenção.
- d. Sinais de pressão excessiva aplicada por um brete de contenção são vocalização quando o animal é contido, tensão e dificuldade de respiração.

E 23: Equipamentos com laterais sólidas

- a. É altamente recomendado que laterais sólidas sejam usadas nos corredores de serviço, bretes, nas baias de espera e nas rampas de carregamento para evitar distração, parada e tentativa de fuga.
- b. Os bretes devem ter um coberto sólido bem com laterais sólidas com painéis ou janelas de acesso.

E 24: Instalações para embarque

- a. As instalações para embarque:
 1. Devem fornecer um local seguro para os manejadores;
 2. Devem ser mantidas limpas; e
 3. Devem ser bem iluminadas com o mínimo de contrastes de sombra.
- b. As rampas para embarque e as aberturas traseiras dos veículos de transporte devem ser aproximadas para evitar que os bisontes escorreguem e caiam.
- c. Rampas de embarque com menos de 5% de inclinação devem ser utilizadas e apropriadamente projetadas e com degraus espaçados para minimizar quedas. Os cascos devem caber facilmente entre os degraus, mas o espaço deve ser estreito o suficiente para prevenir escorregões.

G. Provisões Específicas para Bezerros

E 25: Instalações para bezerros

- a. Pastagens ou campos para bezerros devem ser selecionados de forma a fornecer às vacas um ambiente seco de para parir e acesso a abrigo natural ou artificial, conforme demanda o clima.

H. Cercas

E 26: Projeto e manutenção de cercas

- a. Todas as cercas devem ser adequadamente inspecionadas e conservadas de forma regular.
- b. Particularmente, as cercas elétricas devem ser projetadas, instaladas, usadas e conservadas de forma que o contato com elas não cause mais do que um desconforto momentâneo aos bisontes.
- c. As cercas dos confinamentos devem ter um mínimo de 1,52 m de altura e ser construídas de canos duros e/ou materiais como cabos.

PARTE 4: GERENCIAMENTO

OBJETIVOS: *Um gerenciamento altamente cuidadoso e responsável é vital para assegurar bom estado de bem-estar dos animais. Gerentes e funcionários devem ser treinados, habilitados e competentes no manejo de criação e no bem-estar dos bisontes, e devem ter um bom conhecimento funcional do sistema e dos bisontes sob os seus cuidados.*

A. Managers

M 1: Planejamento na Fazenda

Todos os registros, listas de checagem, planejamento sanitário, de contingência, de controle de pestes, padrões operacionais e de emergência por escrito, políticas e publicações exigidos do produtor pelo Referencial de Bem-Estar Animal para Bisontes da HFAC devem ser disponibilizados ao inspetor da HFAC.

M 2: Conhecimento sobre os Padrões

Os gerentes devem assegurar que:

1. Todos os encarregados tenham uma cópia do Referencial de Bem-Estar Animal para Bisontes da *Humane Farm Animal Care*; e o Manual dos Produtores de Bisontes (*Bison Producers' Handbook*);
2. Eles e os encarregados estejam familiarizados com os padrões; e
3. Eles e os encarregados entendam os padrões.

M 3: Atividades de gerenciamento e de registros

Os gerentes devem:

1. Desenvolver e implementar um treinamento adequado para os encarregados, com oportunidades regulares atualizações para dar continuidade ao desenvolvimento profissional. Os produtores e gerentes devem ser capazes de comprovar que a equipe responsável pelo gado tem as habilidades necessárias e relevantes para executar as suas obrigações e que, se necessário, será oferecida a oportunidade de participar em alguma forma apropriada de treinamento;
2. Desenvolver e implementar planejamentos e precauções para lidar com emergências que afetem o bem-estar dos animais, como incêndio, inundação e interrupção de abastecimentos;
3. Ter um Plano de Ação de Emergência, destacando os procedimentos que devem ser seguidos pelas pessoas que se deparam com a emergência, como incêndio, inundação, interrupção no abastecimento de energia;
4. Garantir que o Planejamento Sanitário dos Animais (consulte H1) seja implementado e atualizado regularmente, e que os dados sejam registrados adequadamente;
5. Manter e tornar disponível ao inspetor do *Humane Farm Animal Care* os registros dos procedimentos de quarentena e do uso de medicação. Esses registros devem

- incluir a documentação de todo o gado que entra e sai da fazenda, e também os tipos e quantidades de medicamentos utilizados;
6. Assegurar que os animais, incluindo os de descarte, estejam aptos ao transporte até o seu destino final. Para animais sem condições de serem transportados, métodos alternativos devem ser adotados, incluindo o sacrifício na propriedade se necessário.
 7. Cumprir com as regulamentações locais, estaduais e federais.

M 4: Atenuando problemas

- a. Os gerentes devem entender os momentos e as circunstâncias nas quais os bisontes estão predispostos a problemas de bem-estar na sua unidade ou rancho.
- b. Os gerentes devem poder comprovar a sua competência em identificar e lidar com esses problemas e tomar ações para prevenir a ocorrência de situações as quais podem resultar em problemas de bem-estar.

M 5: Conhecimento das implicações das práticas de gerenciamento no bem-estar e o ambiente natural

- a. Os gerentes devem estar cientes das implicações relativas ao bem-estar no caso de administração de injeção, dosagem oral, procedimentos de identificação e outros procedimentos de saúde ou cuidado veterinário.
- b. Eles devem ter conhecimento das exigências do bem-estar durante as estações de parição e cobertura decorrentes da vulnerabilidade dos recém-nascidos, condições pós-parto das vacas e a competição entre os touros durante a cobertura.

M 6: Treinamento

Antes de se incumbirem da responsabilidade pelo bem-estar dos animais, os gerentes devem ser adequadamente treinados e ser capaz de:

1. Reconhecer sinais de comportamento normal, comportamento anormal e de medo;
2. Reconhecer sinais de doenças comuns, compreender de suas prevenções e controle e saber quando buscar ajuda veterinária;
3. Ter conhecimento do que constitui uma nutrição adequada para os bisontes;
4. Ter conhecimento básico do escore da condição corporal;
5. Compreender a anatomia funcional de um casco normal, o seu cuidado e tratamento;
6. Compreender a anatomia funcional da teta e do úbere normais;
7. Ter conhecimento de procedimentos de parto e de cuidado com bezerros recém-nascidos; e
8. Compreender os princípios fundamentais da criação e manejo de bisontes.

M 7: Tratamento compassivo

- a. Os gerentes devem poder demonstrar competência em manejar os animais de forma positiva e compassiva.
- b. Os gerentes devem poder demonstrar a sua proficiência em manejo de baixo estresse e em procedimentos que potencialmente possam causar estresse aos bisontes.

M 8: Reclamações aos produtores

- a. Para ser certificada, uma Operação deve manter sistemas que recebam, respondam e documentem reclamações que aleguem falha nas operações de acordo com o referencial da *Humane Farm Animal Care* (ISO §15).
- b. Sempre que um produtor receber uma reclamação, ele deverá:
 1. Adotar as medidas adequadas para responder a reclamação; e
 2. Corrigir todas as deficiências nos produtos ou serviços que possam afetar a conformidade com as exigências da certificação.
- c. Registros escritos devem ser guardados pelo produtor por no mínimo três anos a partir da data da sua criação. Os registros devem conter informações que documentem:
 1. Todas as reclamações recebidas (escritas ou verbais);
 2. As medidas adotadas pelo produtor para responder às reclamações.
- d. Esses registros devem estar disponíveis ao *Humane Farm Animal Care*, quando solicitados. O *Humane Farm Animal Care* examinará esses registros pelo menos uma vez por ano, durante a inspeção anual da atividade.
- e. Se as atividades da fazenda tiverem a certificação “orgânica” ou “natural”, os produtores deverão notificar o *Humane Farm Animal Care* se uma decisão judicial desfavorável (suspensão ou revogação de certificação, multa ou sanção) relacionada ao status orgânico ou natural da atividade for imposta contra a atividade por outro certificador ou por um programa governamental que regulamente o setor.

B. Manejo

M 9: Manejo com tranquilidade

Os bisontes devem ser manejados com calma e firme em todos os momentos, com cuidado para prevenir dor ou diestresse desnecessário. Manejo de baixo-estresse deve ser ensinado e praticado quando trabalhando com bisontes.

M 10: Antecipando fatores estressores para os animais

Os encarregados dos animais devem ser treinados para entender e identificar os fatores de estresse aos quais os bisontes possam estar sujeitos antes de manejá-los. Eles devem ter conhecimento sobre como os bisontes reagem em relação a outros bisontes, a seres humanos e a ruídos, visões, sons, odores estranhos, e devem trabalhar para minimizar esses fatores.

Bisontes têm as seguintes características comportamentais, que devem ser levadas em consideração quando forem conduzidos:

- 1. Eles têm campo de visão amplo e podem se assustar ao ver objetos em movimento, mesmo que a longas distâncias;*
- 2. Eles têm audição aguçada e, por isso, não devem ser expostos a elevados níveis de ruídos.*
- 3. Eles são animais de rebanho e, se possível, não devem ser isolados.*

M 11: Manejo em corredores

- a. Os bisontes não devem ser conduzidos, a menos que a saída, ou o caminho à frente do primeiro animal esteja desimpedido.
- b. Os bisontes não devem ser intencionalmente apurados e forçados a correr por passagens estreitas, por corredores ou através de portões.

Se mais de 1% dos bisontes caírem durante o manejo, isso é um indicativo de que os métodos de manejo ou as instalações precisam ser melhorados.

M 12: Manejo racional

- a. Varas e bandeiras podem ser usadas como ferramentas de manejo, bem como as extensões dos braços.
- b. Varas não devem ser usadas para bater nos animais.
- c. O uso do bastão elétrico é proibido, exceto quando a segurança do animal ou do manejador está em risco, e apenas como último recurso.

M 13: Equipamentos

- a. Uma unidade de manejo de bisontes deve estar à disposição. Esta deve consistir num curral de espera e um meio de contenção, apropriado ao tipo, temperamento e número de animais a serem manejados.
- b. Os corredores e passagens devem ser de construção firme, com o mínimo de 1,52 m de altura ou a altura adequada para o tipo de material utilizado e o tipo de animal sendo manejado, preferencialmente com paredes na sua maioria sólidas para prevenir que os bisontes tentem escapar.

M 14: Ajuda no parto

- a. Ajudas no parto devem ser usadas apenas em circunstâncias raras, quando a vaca estiver em distresse para parir.
- b. Antes que qualquer ajuda seja usada no parto, a vaca deve ser examinada para garantir que o bezerro esteja devidamente posicionado e que, pelo seu tamanho, um parto natural possa ocorrer, sem causar dor ou aflição demasiada para a vaca ou para a cria.

M 15: Diagnóstico e tratamento rápido

- a. Todos os esforços devem ser empreendidos para garantir um diagnóstico/tratamento rápido e adequado para um animal doente.
- b. Se um animal machucado ou doente não reagir ao tratamento, a eutanásia deverá ser considerada.
- c. Nenhum animal vivo pode deixar a fazenda, a menos que possa caminhar sem ajuda.
- d. Bisontes machucados podem ser abatidos na fazenda quando da provisão do Serviço de Inspeção do USDA.

M 16: Animais incapazes de caminhar

- a. Para animais incapazes de caminhar, seja qual for o tipo de equipamento de suspensão utilizado, deve-se ter cuidado para não causar dor ou diestresse desnecessário.

- b. Suspende animais por correntes, arrastar, suspender sem suporte total do corpo, ou outra forma que possa causar lesão física adicional é proibida.

Métodos aceitáveis para mover bisontes incapazes de caminhar podem ser consultados no Guia da North American Meat Institute (disponível em www.certifiedhumanebrasil.org) na seção “Referenciais”.

C. Identificação

M 17: Equipamentos de identificação

Brincos ou outros equipamentos de identificação devem ser aplicados com cuidado para prevenir dor ou diestresse desnecessário.

M 18: Marcação

A marcação dos bisontes deve ser realizada com cuidado por encarregados treinados e competentes para que se evite que os animais sintam dores e aflições desnecessárias, no momento da marcação e subsequentemente. Marcação a frio é preferível em comparação com marcação a calor.

M 19: Marcação temporária

Os métodos usados para a marcação temporária devem ser atóxicos; por exemplo, com lápis, tinta e marcadores de giz desenvolvidos especialmente para animais.

D. Equipamentos

M 20: Uso dos equipamentos

Quando equipamentos que afetam o bem-estar dos animais são instalados, os gerentes devem ser capazes de:

1. Operá-los adequadamente;
2. Fazer a sua manutenção;
3. Reconhecer sinais comuns de mau funcionamento; e
4. Agir apropriadamente no caso de falha em um equipamento.

M 21: Equipamentos automáticos

Todos os equipamentos automáticos (por exemplo, bebedouros, distribuidores de alimentos, cercas elétricas) devem ser completamente inspecionados por um encarregado, ou por outra pessoa competente, no mínimo uma vez por dia, para verificar se estão funcionando adequadamente. Quando um defeito for encontrado em um equipamento automático:

1. O defeito deve ser reparado imediatamente; ou

2. Se não for possível, medidas devem ser adotadas imediatamente para proteger os bisontes contra dores ou aflições desnecessárias causadas pelo defeito, e devem ser mantidos sobre cuidados até que o defeito seja reparado.

E. Cães e predadores naturais

M 22: Cães pastores

Cães, inclusive cães pastores, devem ser adequadamente treinados, não devem causar ferimentos ou angústia ao gado e devem ser mantidos no controle em todos os momentos.

Cães não são tipicamente utilizados para manejar ou mover bisontes, mas podem estar na propriedade para outros fins. O mesmo padrão se aplica para todos os caninos presentes na propriedade.

M 23: Gerenciando predadores

- a. Se espécies de predador natural são conhecidas como perigosas na região, um planejamento de combate a predadores deve ser desenvolvido junto às agências locais ou estaduais de controle de animais selvagens, utilizando métodos de controle não letais ou de exclusão se possível.

PARTE 5: SAÚDE

OBJETIVOS: *O ambiente no qual os bisontes são alojados deve contribuir para uma boa saúde. Todos os produtores devem ter um planejamento sanitário do rebanho que esteja de acordo com boas práticas veterinárias e de criação animal. A saúde do rebanho deve ser mantida aos padrões mais elevados possíveis, e problemas de saúde devem ser resolvidos rapidamente e de forma completa dentro do que for possível ser feito.*

A. Práticas de Cuidado com a Saúde

H 1: Planejamento sanitário dos animais

Um Planejamento Sanitário dos Animais (PSA) deve ser desenvolvido e atualizado regularmente, seguindo orientação de um veterinário familiarizado com bisontes. O PSA deve incluir:

1. Detalhes de vacinações;
2. Informação sobre tratamento e outros aspectos da saúde do rebanho;
3. Causas de morbidade e mortalidade quando conhecidas;
4. Os limites de tolerância do desempenho geral do rebanho; e
5. Procedimentos de biossegurança.

H 2: Atenuando problemas de saúde

- a. Os operadores devem seguir procedimentos para manter uma distância razoável e segura de ovinos, cabras, gnús ou veado campeiro devido ao risco de transmissão do vírus da Febre Catarral Maligna (FCM) ao quais os bisontes são altamente suscetíveis. Ventos predominantes, condições geográficas e ambientais devem ser consideradas para manter essa distância.
- b. Mortes súbitas, surtos de doenças ou de mortalidade que não possam ser imediatamente identificadas pelo gerente devem ser investigados por consulta com o veterinário.

H 3: Monitoramento da saúde

- a. O rebanho deve ser monitorado em relação ao seu desempenho incluindo: doenças da produção, doenças infecciosas e ferimentos resultantes do alojamento ou práticas de criação. Alguns exemplos incluem:
 - Estresse (pode ser evidente pelo aumento da taxa de doenças, animais magros, inquietação, gemidos persistentes)
 - Enterites ou parasitas (pode ser evidente pela diarreia)
 - Problemas no parto
 - Lesões físicas recorrentes
 - Doenças respiratórias
 - Condição corporal individual e do rebanho
 - Número de animais impossibilitados de caminhar

- b. Se algum dos parâmetros de desempenho do rebanho estiver fora dos limites de tolerância identificados pelo produtor e o veterinário, ou se o número de casualidades ou de bisontes descartados exceder os números especificados no PSA, o veterinário deverá ser consultado e as práticas de manejo devem ajustadas para tentar resolver o problema.

H 4: Currais de segregação

- a. Animais contagiados ou doentes devem ser segregados e tratados separados do restante do rebanho.
- b. Qualquer bisonte que sofra de uma doença ou ferimento deve ser tratado sem demora, e a orientação do veterinário deve ser buscada quando preciso. Se necessário, esses animais deverão ser humanitariamente sacrificados.
- c. Os currais de segregação devem ter dimensões apropriadas à idade, ao tamanho e à raça do animal.
 - 1. O animal deve poder ficar em pé, girar, deitar, repousar, se lambar sem impedimentos.
 - 2. A água, o alimento e abrigo devem estar prontamente acessíveis em todos os momentos, a menos que o veterinário tenha orientado de outra forma.
- d. A água e o alimento também devem estar prontamente disponíveis aos animais incapazes de caminhar, mesmo que não estejam alojados num curral de isolamento.
- e. A urina e o esterco de animais doentes e feridos originados nos currais-hospitais devem ser eliminados de uma maneira que evite a propagação da infecção ao restante do rebanho.
- f. Os currais devem ser construídos para facilitar a limpeza e a desinfecção efetivas das superfícies e a possível remoção da carcaça da área.

H 5: Manejo de animais de origens externas

- a. Animais de reposição que são trazidos de outras origens deverão ficar em quarentena por 2 semanas.
- b. Animais recém-chegados deverão ser vacinados e/ou adequadamente tratados para enfermidades, doenças, infestações parasíticas ou de outros problemas de saúde, de acordo com o PSA antes da integração ao rebanho.

H 6: Atenuando problemas de comportamento

Se atividades de comportamento anormal se desenvolver repetidamente e inibirem o comportamento normal do animal em um determinado curral, um programa de modificação/enriquecimento deve ser adotado até que o problema seja superado.

Padrões possíveis de comportamento anormal:

- 1. Esfregar-se repetidamente na ausência de doenças*
- 2. Enrolar a língua/aerofagia*
- 3. Pica (lamber/mastigar objetos sólidos)*
- 4. Comer solo/areia/sujeira*
- 5. Sugar umbigo*
- 6. Sugar orelha*
- 7. Beber urina*
- 8. Gemer persistentemente*

H 7: Controle de parasitas

É fundamental que todas as medidas práticas sejam adotadas para evitar ou controlar infestações parasíticas externas e internas.

H 8: Cuidado com os cascos

Embora problemas nos cascos sejam raros em bisontes criados em condições naturais, os animais devem ser monitorados para laminite. Se um problema for identificado, um plano de cuidados dos cascos deve ser desenvolvido como parte do PSA, usando métodos apropriados às condições e à própria fazenda.

- *Como ajuda para avaliar o nível de claudicação no rebanho, um escore de locomoção pode ser usado.*
- *Escore de locomoção:*
- *Nenhuma desigualdade no modo de caminhar, sem fraqueza aparente.*
- *Modo de caminhar desigual, fraqueza leve, pouca rotação externa dos membros fora do círculo de giro (abdução) ou rotação interna dos membros dentro do círculo de giro.*
- *Claudicação ligeiramente óbvia, mas sem afetar o comportamento.*
- *Claudicação óbvia, dificuldade de girar, padrão de comportamento afetado, perda de peso.*
- *Extremamente difícil se levantar, dificuldade de caminhar, efeitos adversos no padrão de comportamento, perda perceptível de peso.*
- *[Manson & Leaver, 1988]*

H 9: Alterações físicas

Castração e Descorna são proibidos

Anexo 2: Controle da dor – No caso de procedimentos de emergência, estes devem ser realizados com o uso de anestesia e analgésico.

B. Incidentes com Animais

H 11: Eutanásia

- a. Todas as fazendas devem estar preparadas para a eutanásia humanitária imediata no caso de casualidades (severamente machucados) com os bisontes. Esse procedimento pode ser realizado por um membro treinado e competente da equipe, ou por um veterinário chamado para realizar o procedimento. O método de eutanásia utilizado para cada grupo de idade deve estar especificado no Planejamento Sanitário dos Animais.
- b. Se houver qualquer dúvida sobre como proceder, o veterinário deve ser chamado em um estágio inicial para orientar se um tratamento é possível ou se a eutanásia humanitária é necessária para que se evite o sofrimento. Se um animal estiver sentindo dores severas que são incontroláveis, o animal deve ser prontamente sacrificado prontamente e de forma humanitária.
- c. É aceitável eutanásia um animal para prevenir mais sofrimento severo se um método de eutanásia humanitária estiver disponível na propriedade e há alguém competente para realizar o procedimento. Nada do que aqui foi mencionado tem a finalidade de desencorajar o diagnóstico imediato e o tratamento adequado de qualquer animal doente ou ferido.

Uma cópia do Guia do AVMA sobre Eutanásia Animal está disponível no website do HFAC, www.certifiedhumane.org na seção dos Padrões (Standards).

H 12: Descarte da carcaça

O descarte da carcaça (cadáver) deve atender às exigências e regulamentações locais.

PARTE 6: TRANSPORTE

OBJETIVOS: *Os sistemas de transporte dos animais devem ser planejados e gerenciados para assegurar que os animais não são submetidos à diestresse ou desconforto desnecessário. O transporte e o manejo dos bisontes devem ser mantidos ao mínimo absoluto. Os funcionários envolvidos no transporte devem ser cuidadosamente treinados e competentes para executar as tarefas que deles são exigidas. TODOS os bisontes transportados para o abate como Certified Humane® devem ter sido criados em propriedades Certified Humane®.*

T 1: Instalações para embarque

- a. As instalações para embarque:
 1. Devem ser mantidas limpas; e

2. Devem ser bem iluminadas.
- b. Ambas as rampas para embarque e as aberturas traseiras dos veículos de transporte devem ser aproximadas para evitar que bisontes de todos os tamanhos escorreguem e caiam.
- c. As rampas podem ser de concreto ou terra e, quando de concreto, devem ser projetadas para prevenir escorregões.
- d. As rampas de embarque com uma angulação inferior a 5% devem ser utilizadas e devem ser instaladas com degraus apropriadamente alocados e espaçados para minimizar escorregões. Os cascos devem caber facilmente entre os degraus, mas os espaços devem ser estreitos o suficiente para prevenir escorregões.

T 2: Projeto das passagens

- a. Os corredores e portões devem ser projetados e operados de forma a não impedir o movimento dos animais.
- b. Quando operando portões e travas, todo o esforço deve ser tomado para reduzir ruídos excessivos que possam causar distresse aos animais.
- c. Se ruídos dos equipamentos estiver causando distresse aos animais, mecanismos de redução de ruídos devem ser instalados.

T 3: Funcionários responsáveis pelo transporte

- a. As pessoas responsáveis pelo transporte dos bisontes devem demonstrar competência no manejo dos animais, no embarque e desembarque e enquanto em trânsito.
- b. Os manejadores e transportadores dos animais devem ter conhecimento sobre possíveis causadores de estresse, e de como os bisontes reagem a outros bisontes, em relação a humanos e a ruídos, visões, sons e odores estranhos.

Os bisontes têm as seguintes características comportamentais, que devem ser levadas em consideração forem conduzidos:

- 1. Eles têm campo de visão amplo e podem assustar ao ver objetos em movimento, mesmo que a longas distâncias;*
- 2. Eles têm audição aguçada e, por isso, não devem ser expostos a elevados níveis de ruídos.*
- 3. Eles são animais de rebanho e, se possível, não devem ser isolados.*

T 4: Manejo nos corredores

- a. Os bisontes não devem ser tocados a menos que a saída ou o caminho a frente deles esteja aberto.
- b. Os animais não devem ser intencionalmente forçados a correr nos corredores, passagens ou por portões.

T 5: Manejo racional

- a. Varas e bandeiras podem ser usadas como ferramentas de manejo, bem como as extensões dos braços.
- b. Nenhum animal deve ser puxado ou suspenso pela cauda, pele, orelhas ou membros.

- c. Torção agressiva da cauda pode causar fratura e quebra, principalmente em bisontes jovens, e é proibido.
- d. Varas não devem ser usadas para bater nos animais.
- e. O uso do bastão elétrico é proibido, exceto quando a segurança do animal ou do manejador está em risco, e apenas como último recurso. Eles não devem rotineiramente ser tocados por manejadores.
- f. Se mais de 1% dos bisontes caírem durante o manejo, isso é indicação de que os métodos de manejo ou as instalações precisam ser melhorados.

T 6: Alimento e água pré-transporte

- a. Todos os bisontes, incluindo bezerros, devem ter acesso à água até o momento do embarque.
- b. Todos os bisontes, incluindo bezerros, devem ter acesso a alimento até 5 horas antes do embarque no caminhão.

T 7: Tempo de transporte

- a. O tempo de transporte para qualquer propósito deve ser planejado entre o transportador e produtor, e frigorífico-abatedouro, se aplicável, para minimizar o tempo de viagem e de espera dos bisontes.
- b. Os bisontes devem ser separados no trailer em relação ao tamanho, temperamento e grupos familiares quando estes existirem.

T 8: Registros do transporte

Produtores devem manter registro do transporte dos animais que deixaram a propriedade, incluindo:

- a. Data do transporte
- b. Número de animais transportados e o seu destino
- c. Empresa transportadora
- d. Tipo de veículo usado

T 9: Casualidades durante o transporte

- a. Um animal capaz de andar, mas doente ou ferido pode ser transportado apenas:
 - 1. Se estiver sendo levado para tratamento veterinário ou está sendo transportado para o destino mais próximo disponível para o abate humanitário; e
 - 2. Se for o animal considerado apto para embarque, transporte e desembarque (pode caminhar sem ajuda).
- b. Nenhum animal com ECC menor do que 2 deve ser transportado ou deixar a propriedade a menos que seja para tratamento veterinário.

PARTE 7: ABATE

A: Procedimentos de abate

S 1: Minimizando o manejo pré-abate

O manejo pré-abate dos animais deve ser mantido ao mínimo absoluto.

S 2: Funcionários treinados

As pessoas envolvidas com o abate devem ser rigorosamente treinadas e competentes para realizar as suas atividades.

S.3: Sistemas de abate

Todos os sistemas de abate devem ser projetados e gerenciados para assegurar que não causem diestresse ou desconforto desnecessário.

- a. O abatedouro-frigorífico deve atender as especificações do Guia da *North American Meat Institute* (NAMI), como descrito por Dr. Temple Grandin.

O Guia da NAMI pode ser acessado no website www.certifiedhumanebrasil.org, na sessão dos Referenciais.

- b. O abatedouro-frigorífico deve ser inspecionado por um inspetor do *Humane Farm Animal Care* para verificação das conformidades com o Guia da NAMI.
- c. A HFAC irá também auditar a planta para rastreabilidade com objetivo de assegurar que todo o produto que é rotulado com o selo *Certified Humane*® provém de propriedades certificadas *Certified Humane*®.

PARTE 8: ANEXOS

Anexo 1: Avaliação de Condição Corporal de Bisontes

BODY CONDITION SCORING GUIDE FOR BISON

This table can be used to score bison in the field.

BCS	RIBS	SPINE (backbone)	HIP BONE	TAIL HEAD	HUMP
1 very thin	prominent in summer; many ribs visible; in winter, visible but less distinct	very sharp; angle of muscle is steep	prominent and edges are very sharp; rump muscles are caved in	devoid of fat; deep sunken depressions on either side of the tailhead; no fat palpable if bison is in a squeeze	sharp topline; narrow with flat sides when viewed from the front; sharp contrast between the hump and shoulder when viewed from the side
2 moderately thin	some ribs visible in summer and winter	evident but not sharp; angle of muscle is steep	readily seen and edges are sharp; rump muscles caved in slightly	sunken depressions on both sides of the tailhead; small amount of fat palpable if bison is in a squeeze	hump is narrow but not sharp; sides are flat when viewed from the front; distinct contrast between the hump and the shoulder
3 moderate	may be visible in summer but not sharp or distinct; edges round and covered in flesh; not visible in winter	not prominent but can be seen; angle of the muscle has a moderate slope similar to the roof of a tent	visible but not sharp; rump muscles are flat and angular	slight hollowing on either side of the tailhead; some fat palpable if bison is in a squeeze	well developed but not bulging; noticeable distinction between the hump and shoulder
4 moderately fat	may be visible in summer but not sharp or distinct; edges round and covered in flesh; not visible in winter	not readily seen; angle of the muscle has a gentle slope	barely visible; muscles are full but not bulging	slight depression in bulls and no depression in cows	full hump when viewed from the front but not round and bulging; little distinction between the hump and shoulder when viewed from the side.
5 very fat	not visible in winter or summer; covered in fat	not visible and is buried in fat; angle of muscle has little slope and is flat	covered in fat and is not seen; rump is rounded out and full	no depression (bulls) or bulging with fat (cows) on both sides of the tailhead	thick with rounded top when viewed from the front; blends into the shoulder when viewed from the side

Fonte: Alberta Agriculture, "Qual é o escore; Bisonte"

Anexo 2: Controle da dor

Controle da dor em bezerros e bovinos

JK Shearer DVM, MS

**Professor e Veterinário Extensionista
Iowa State University
Ames, Iowa 50011-1250
JKS@iastate.edu**

A castração e as descorna são dolorosos, mas procedimentos de manejo necessários. A castração é necessária para reduzir ferimentos nos bovinos associados com agressão e comportamento de monta em machos. É também necessária para prevenir cobertura indesejada por machos geneticamente inferiores. A descorna é requerida para evitar ferimentos aos animais e aos humanos. Nem todos os bovinos têm chifre, mas aqueles que têm rapidamente aprendem que possuem uma vantagem sobre os bovinos mochos em batalhas por dominância. Assim, a questão sobre castração e descorna não é se devemos realizar essas práticas, mas como devemos realizá-los de forma a minimizar dor e diestresse aos animais?

Atendendo aos cuidados listados nos Padrões para Bovinos de Corte, Bovinos Leiteiros e Bezerros minimizará a dor e desconforto associados com essas práticas importantes. No entanto, quando condições determinam a necessidade de controle da dor além de anestesia local, os participantes do Programa *Certified Humane* devem ter consciência dos seguintes.

Até o presente momento, não há drogas rotuladas para controle de dor em bovinos. Por exemplo, a Flunixin Meglumina (Banamine) é um medicamento não-esteróide com atividade antipirética (reduz febre) e anti-inflamatória em bovinos, mas não é um analgésico (capaz de aliviar a dor). Além disso, de acordo com as informações da bula, Banamine é apenas para uso intravenoso. Para usá-lo contra a dor em bovinos ou por qualquer via a não ser intravenosa, constitui uso fora das recomendações da bula (ELDU), o qual até a aprovação do Medicinal Drug Use Clarification Act (AMDUCA) em 1996 era ilegal. O AMDUCA complementa o Federal Food, Drug, and Cosmetic Act, legalizando o uso fora da bula e sob a ordem de um veterinário licenciado. Então, o que isso significa? Sumarizando, significa que o Banamine ou Meloxicam ou qualquer outra droga usada para dor que não é especificamente destinada para dor em bovinos ou para esse propósito (i.e. ELDU) nos Estados Unidos, requer atenção estrita às provisões do AMDUCA que incluem o seguinte:

Uso de drogas fora da bula (ELDU):

- É permitida apenas por ou sob a supervisão de um veterinário.
- É aprovada pelo FDA como droga permitida para humanos e animais.
- Requer uma Relação Veterinário/Cliente/Paciente válida como pré-requisito para todas as ELDU.
- É para uso terapêutico somente. Não se aplica a drogas de uso na produção.
- Regras se aplicam para a dosagem de drogas e drogas administradas pela água. ELDU em alimento é proibido.
- Não é permitida se resulta em violação de resíduos no alimento, ou qualquer resíduo que possa apresentar risco à saúde pública.
- A proibição pelo FDA de uma droga ELDU impede o seu uso.

Quando e se essas condições são atendidas, uma ELDU é permitida dado que registros apurados dos animais tratados são mantidos com as informações seguintes:

- Identificação do animal, individual ou grupo.
- Espécie animal tratada.
- Número de animais tratados.
- Condições do tratamento.
- O nome estabelecido da droga e agente ativo.
- Dosagem prescrita ou usada.
- Duração do tratamento.
- Períodos específicos de carência, ou descarte se aplicável, para carne, leite, ovos, ou alimentos derivados de animal.
- Manter registro por 2 anos.
- O FDA pode ter acesso a esses registros para estimar os riscos a saúde pública.

Finalmente, quando drogas forem usadas de forma ELDU, o frasco ou vasilhame da droga deve incluir as seguintes informações no rótulo:

- Nome e endereço do veterinário que prescreveu.
 - Nome estabelecido da droga.
 - Qualquer orientação de aplicação para uso em classe ou espécie específica ou identificação do animal ou rebanho, lote, grupo, baia; a frequência da dosagem e via de aplicação e a duração do tratamento. Qualquer item de precaução.
 - Seu período específico de carência, ou descarte se aplicável, para carne, leite, ovos, ou alimentos derivados de animal.
-
- Sumarizando, a castração e a descorna são procedimentos de saúde que causam desconforto aos bovinos. A realização dessas práticas em uma idade mais cedo possível deve ser um objetivo principal. Nas situações infrequentes onde esses procedimentos precisam ser realizados em bezerros mais velhos, o controle de dor deve ser considerado mantendo em mente que o uso de drogas não aprovadas para esse propósito deve seguir a regulamentação da AMDUCA. Tabletes de Meloxicam administrados oralmente na dose de 1 mg/kg são relatados serem custo-efetivo como forma de analgesia para bovinos. Nos países europeus onde o Meloxicam é aprovado, é recomendado um período de carência de 15 dias para a carne e 5 dias para o leite. Flunixin meglumine usado como anti-inflamatório em condições pós-cirúrgicas produz analgesia limitada. É importante que se não usado para reduzir inflamação e ser administrado intravenoso constitui uma ELDU. O uso de Flunixin meglumine por via intramuscular causa lesão significativa ao tecido e pode alterar os períodos de carência do leite e carne. As pessoas que consideram o uso de ELDU devem trabalhar com um veterinário para orientação apropriada no uso seguro e adequando de medicamentos nos animais.

Coetzee JF. Recommendations for Castration and Dehorning of Cattle. Proceedings of the American Association of Bovine Practitioners, 2010, 43:40-45.

Coetzee JF, KuKanich B, Mosher R, Allen PS. Pharmacokinetics of intravenous and oral meloxicam in ruminant calves. 2009. Vet Ther 10:E1-E8.

Heinrich A, Duffield TF, Lissemore KD, Squires EJ, Millman ST. The impact of meloxicam on postsurgical stress associated with cautery dehorning. 2009. J Dairy Sci, 92:540-547.

REFERÊNCIAS

American Association of Bovine Practitioners, Animal Welfare Committee. 1999. *Practical Euthanasia in Cattle, Considerations for the Producer, Livestock Market Operator, Livestock Transporter, and Veterinarian*. American Assoc. of Bovine Practitioners. Rome, GA. (<http://www.aabp.org/resources/euth.pdf>)

AVMA Guidelines for the Euthanasia of Animals. American Veterinary Medical Association. 2013

Animal Behavior and the Design of Livestock and Poultry Systems. Proceedings from the Animal Behavior and the Design of Livestock and Poultry Systems International Conference, Indianapolis, IN. Pub. NRAES (Northeast Regional Agric. Eng. Service) April 1995.

The Bison Producers' Handbook. National Bison Association/Canadian Bison Association. 2010.

Body Condition Scoring Guide for Bison, Source: Alberta Agriculture, "What's the Score; Bison"
[http://www1.agric.gov.ab.ca/\\$department/deptdocs.nsf/all/agdex9622/\\$FILE/bcs-bison.pdf](http://www1.agric.gov.ab.ca/$department/deptdocs.nsf/all/agdex9622/$FILE/bcs-bison.pdf)

Grandin, T. 2001. *Livestock Trucking Guide*. National Institute for Animal Agriculture, Bowling Green, KY.

Grandin, T. 2007. *Livestock Handling and Transport*. CABI, Wallingford, UK.

Grandin, T., Editor. 2009. *Improving Animal Welfare: A Practical Approach*. CAB Int., Wallington, Oxon, UK.

Guidelines For The Care And Use Of Animals In Production Agriculture. Nebraska Food Animal Care Coalition.

Insiders' Guide to Bison Handling and Management DVD. National Bison Association. 2012

Manson, J. F., and J. D. Leaver. 1988. The influence of concentrate amount on locomotion and clinical lameness in dairy cattle. *Brit. Soc. Anim. Prod.* 47:185-190.

North Dakota State University Bison Research Reports at
http://www.ag.ndsu.nodak.edu/carringt/livestock_research_program.htm

Nutrient Requirements of Beef Cattle 7th ed. National Research Council Publication. 2000. National Academy Press, Washington, DC.



Humane Farm Animal Care
Referencial de Bem-Estar Animal
1 de Janeiro de 2014

Direitos Autorais 2014 por *Humane Farm Animal Care*
PO Box 82, Middleburg VA 20118
Todos os direitos reservados.